

A dialética obesidade/magreza: um estudo em representações sociais com adolescentes

Lucia Marques Stenzel¹ e Pedrinho A. Guareschi²

Resumo

Este artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa sobre a representação social da obesidade/magreza entre as adolescentes, um estudo que procura demonstrar, entre outros aspectos, como as adolescentes percebem a forma do corpo e as questões relacionadas a ele, principalmente questões sociais e de gênero. Trata-se de uma pesquisa qualitativa,

Abstract

This paper presents partial results of a study that investigates the social representation of obesity/meagerness among adolescents girls. It is intended to demonstrate, among other aspects, how teenagers perceive their own body and associated issues, mainly related to their gender and social relations. It is a qualitative research which adopts specific

¹ Doutoranda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul (PUCRS). Bolsista CNPq - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

² Doutor em Psicologia Social. Professor-pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Orientador do trabalho - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

onde são utilizados referências teóricas e metodológicas específicas que dão suporte a este estudo, como a Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 1976; JODELET, 1989) e a Teoria da Ideologia (THOMPSON, 1995). A pesquisa foi realizada com 25 adolescentes mulheres, com idades variando entre 11 e 21 anos, através da técnica dos grupos focais e entrevistas individuais com o objetivo de entender o que elas compreendem sobre obesidade/magreza. Como mostram os resultados, as adolescentes parecem possuir desejos de perfeição e expectativas irrealísticas em relação ao corpo e, conseqüentemente, em respeito à própria identidade.

Palavras chaves: obesidade, representações sociais, ideologia.

theoretical and methodological referrals like the social representations theory (MOSCOVICI, 1976; JODELET, 1989) and the ideology theory (THOMPSON, 1995). – The analysed and interpreted data were collected through focal groups and individual interviews among 25 adolescent girls whose ages varied from 11 to 21 years, in order to understand what they think about obesity/meagerness. As the outcome shows, the adolescents seem to desire to attain perfection and have unrealistic expectations concerning their body and, consequently, concerning their own identity.

Keywords: obesity; social representations; ideology.

Este artigo tem como objetivo fazer um recorte de um estudo mais abrangente sobre a representação social da obesidade e da magreza entre as adolescentes, da dissertação de mestrado³ concluída em dezembro de 2000. O objetivo principal aqui é apresentar alguns dos resultados desta pesquisa, no que se refere principalmente, às questões de gênero ligadas ao tema do corpo, mais especificamente, à obesidade e à magreza.

São vários os motivos pelos quais escolhemos a Teoria das Representações Sociais para refletirmos sobre este tema, e aqui tentaremos expor estes motivos, de forma resumida. Uma das principais razões pela

³ Mestrado em Psicologia Social no Curso de Pós-Graduação em Psicologia - Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), orientada pelo Prof. Pedrinho Guareschi e financiada pelo CNPq.

escolha da teoria, é o fato desta partir de pressupostos epistemológicos e paradigmas nos quais acreditamos e com os quais nos identificamos, bem como por estes serem coerentes com a proposta de pesquisa na qual nos lançamos. Moscovici (1976), quando criou a Teoria das Representações Sociais, tentou mostrar que a visão de realidade pressuposta até então pela teoria positivista e funcionalista era parcial e não compreendia a dimensão histórico-crítica da realidade. É nesta direção que se insere este trabalho, na busca de trazer uma percepção crítica sobre um problema que é costumeiramente abordado pela medicina e psicologia de forma parcial, tendo como único foco o indivíduo.

Nesta pesquisa estávamos em busca de um conhecimento que é transformado e produzido por um específico grupo, num determinado contexto social e histórico. Tentaremos ser mais claros: no caso da obesidade, já existe, por exemplo, um conhecimento científico sobre o fenômeno. A obesidade é entendida pela ciência como prejudicial à saúde, como sinônimo de doença física (DSMIV, 1995), como “um mal” a ser combatido. Este é um tipo de saber, um saber científico sobre o tema, assim como existem outros terrenos onde a obesidade ganha outros significados, como por exemplo, nos meios de comunicação. Mas não é neste tipo de saber, neste tipo de sentido que estamos interessados. Estamos interessados no saber, no sentido, dado *pelas adolescentes* sobre este tema, sobre este fenômeno. Estamos interessados no que as adolescentes sabem sobre elas mesmas e do que constitui a sua existência. Trata-se de *entender o que elas entendem* sobre a obesidade e a magreza e como elas se colocam diante destes fenômenos. Jovchelovitch (2000) ao falar do estudo de representações sociais reforça esta idéia e diz que o pesquisador deve estar em busca de *understand the understandings*, ou seja, entender o entendimento de determinada comunidade ou grupo social.

As adolescentes possuem uma realidade social bastante singular. Elas possuem uma forma de pensar e fazer o mundo bastante diverso, e por isso entendem os fenômenos também de uma forma singular. Tentar compreender esta forma diferente de compreender o mundo foi nossa pretensão com a pesquisa realizada.

A obesidade é um tema que circula nos mais variados contextos sociais. Existem definições médicas e científicas para a obesidade, bem como definições dadas pela mídia, pela publicidade, pela moda. Estas

são algumas das realidades construídas por estes sujeitos, ou por estas comunidades, ou ainda por estas instituições. Mas qual será a realidade deste fenômeno construído pelas adolescentes?

Para tentar responder a esta, entre outras tantas perguntas, foram pinçadas algumas falas que revelaram uma idéia, ou avaliação, referentes ao tema proposto, agrupando-as por afinidade, de acordo com a metodologia proposta por Spink (1995) de análise temática.⁴

Na realização das entrevistas e grupos focais, começávamos com a seguinte pergunta para as participantes: O que vem à cabeça de vocês quando escutam a palavra corpo? As primeiras falas, no que se refere ao corpo trouxeram uma primeira categoria, que denominamos de *meu corpo/corpo do outro*. Tanto nas entrevistas como nos grupos, predominaram falas sobre *meu corpo*, porém o oposto, *corpo do outro*, também esteve presente:

Ah..., vem na minha cabeça o meu corpo (entrevista 1).

Antigamente, até meus treze anos, eu não dava muita importância pra isto – tanto que eu era uma bolinha, né. Ai..., depois, quando eu menstruei, comecei a botar corpo, daí eu comecei a pensar no meu corpo (...) (entrevista 2).

Quando vocês escutam, assim, a palavra corpo, qual é a primeira coisa que vem à cabeça de vocês? (pergunta); *Nem te conto!* (risos de todo o grupo).

(...) sei lá, sôra. Corpo..., ah..., deixa eu ver... Sei lá, percebendo as aparências físicas (...), dos guris principalmente. É sôra, a gente não vai ficar olhando pra corpo de mulher, a gente vai olhar pro corpo de homem (Participante 1); (risos de todo o grupo – grupo 3).

⁴ Não nos determos na metodologia neste artigo, mas cabe aqui uma breve referência que a forma de coleta de dados ocorreu através da técnica dos grupos focais (MORGAN 1988) e entrevistas individuais. No total foram quatro grupos focais e duas entrevistas. A análise dos dados se deu com base na proposta metodológica de Spink (1995) e a interpretação com base na teoria.

Esta terceira fala traz justamente o contraponto do que percebemos no decorrer das entrevistas e grupos. As falas das adolescentes centram-se basicamente na questão do corpo da mulher, sem mesmo que este estímulo tenha sido dado. O *meu corpo* (corpo das adolescentes), e todas as questões que o envolvem, é o que domina o universo adolescente.

Sabemos que o corpo é problemática central na vida das adolescentes. Vários autores (JAGGAR e BORDO, 1997; MARCELLI e BRACONNIER, 1989; SMOLAK, 1993) referem-se que ele e a via por onde se expressam todos os desejos e conflitos do adolescente. O corpo do outro também tem importância fundamental, pois é neste momento que, na maioria das vezes, ocorrem as primeiras relações e experiências sexuais. Percebemos então, que até aqui não há nada de muito novo sobre esta temática: o corpo é tema central na vida do adolescente, pois é nesta fase da vida em que mudanças importantes ocorrem neste terreno. Porém, as categorias que vêm a seguir, referem algumas questões peculiares que não são trazidas de forma tão clara pela literatura.

Há um predomínio de falas sobre *meu corpo*, e não no *corpo do outro*, bem como, o enfoque dado ao *meu corpo*, é também bastante peculiar. O corpo é visto pela via estética, pela via da *aparência física*, e não necessariamente o deveria ser, pois são variados os enfoques que poderiam ser dados ao corpo que não somente a aparência:

Ah, eu acho que imagem, por mais que tu diga que não (...), imagem é tudo. Quer, dizer..., num primeiro momento (participante 3 – grupo 2).

Outra questão interessante, é que a aparência é visualizada pela via problema, ou seja, *problemas do corpo*, que tem como contraponto o *corpo ideal ou perfeito*, como podemos perceber na fala seguinte:

(...) agora eu quero o mais perfeito possível! (entrevista 2 – referindo-se ao corpo).

A insatisfação com o corpo é revelada através do relato das adolescentes do que elas não gostam no próprio corpo, que elas referem como problemas ou “defeitos”. Podemos perceber que, agregado ao que as adolescentes chamam de *problemas do corpo e corpo perfeito*,

começam a aparecer falas referentes à obesidade e à magreza. *Ser gorda* passa a ser associado aos problemas do corpo, anteriormente referidos; bem como o *ser magra*, ou o emagrecimento, passa a se agregar à imagem do corpo perfeito.

Eu também, eu tenho este problema mas eu, cada dia mais, eu me sinto cada vez melhor assim com o meu corpo, porque eu nunca tive assim sabe, uma perda (de peso) assim considerável..., eu nunca (fui) tão persistente (...) (participante 4 - grupo 4).

Mas, o que é ser gorda na fala destas adolescentes? O que é ser magra? Que conteúdos simbólicos emergem destes termos? Que importância isto tem no cotidiano dessas adolescentes? Há uma tentativa de definição dos termos gorda e magra, porém percebemos que as adolescentes fazem uma confusão e diferenciação entre o que é ser ou estar gorda/magra, e o sentir-se gorda/magra. Explicaremos melhor esta questão, mas já podemos adiantar que o sentir-se gorda/magra, parece estar desvinculado do ser ou estar gorda/magra de fato. As tentativas de conceituação não se referem ao estado físico que supostamente definiria a forma ou tamanho do corpo. O que define sim, são questões simbólicas complexas, e aí está a importância de olharmos ou escutarmos o discurso adolescente.

Se partirmos do pressuposto que estar ou ser magra é ter um peso baixo seria coerente que a pessoa que é ou está magra sintasse magra. Da mesma forma uma pessoa com excesso de peso, que é ou está gorda, deveria sentir-se gorda. O que podemos perceber, porém é que esta “lógica” não funciona com as adolescentes: elas acreditam que estar ou ser magra não corresponde a sentir-se magra; bem como, estar ou ser gorda não corresponde ao sentir-se gorda. O peso baixo não livra as adolescentes de sentirem-se gordas. O sentimento, a sensação não se refere ao correspondente físico ou concreto, e sim ao simbólico. O sentir está totalmente dissociado da realidade do corpo; outra realidade comanda este sentimento: a realidade simbólica. Mas, que realidade simbólica é esta que faz com que as adolescentes mesmo magras sintam-se gordas? Que sentido é dado aos termos gorda e magra que podem dar luz a esta questão?

Ninguém gosta de ser gorda, todo mundo quer ser magra. Tá! Tudo bem, eu também acho melhor ser magra do que gorda (...) (entrevista 1).

Há uma tendência das participantes em representarem a obesidade a partir de um enfoque mais negativo; ao contrário da magreza, que é vista sob um enfoque mais positivo. Esta questão vai ao encontro de um movimento na sociedade hoje, de rejeição à figura do/a obeso/a (STEARNS, 1997; FISCHLER, 1995; HERSCOVICI, 1997; NASSER, 1997). Porém percebemos que este movimento entre as adolescentes vai um pouco além de simplesmente rejeitar a pessoa obesa (ou gorda); esse movimento de rejeição tomou proporções que não afetam somente os indivíduos obesos (o que já consideramos um problema sério), afetam a maioria das adolescentes independentemente do peso corporal. O que mostraram nossos dados de pesquisa é que, o que faz com que meninas sem sobrepeso se preocupem tanto, e tenham tanto temor da obesidade, são justamente as formas simbólicas associadas à imagem do/a obeso/a que extrapolam o terreno físico; ou seja, a representação social da obesidade.

A obesidade, para estas adolescentes, está ancorada nos mais variados adjetivos negativos existentes, e por isto ela é evitada e temida:

(...) o gordo é tratado diferente, ele é mais, assim, isolado, mais, sabe, deixado de lado do que o magro. O magro é sempre mais bem-vindo (entrevista 1).

Denise Jodelet (1989) em seu estudo sobre a representação social da loucura percebeu que, apesar de uma aparente tentativa de integrar o doente mental na comunidade, o comportamento e os rituais da mesma, revelavam a sustentação de relações desiguais, onde o doente era rejeitado e evitado por todos de forma sutil e disfarçada. Ela percebeu que havia um grande temor da “mistura” de identidade considerada “doente” com a identidade considerada “saudável”. Para evitar esta mistura, havia uma “divisão das águas”: as roupas dos doentes eram lavadas separadamente, assim como a louça, as roupas de cama, etc. Na verdade a comunidade estava tentando evitar a mistura de identidade.

No caso da obesidade, isto acontece da mesma forma: as adolescentes revelam este temor da “mistura”, este temor de que não haja

mais um “divisor de águas” que separam as gordas das magras. Há uma constante tentativa de manter as gordas em um pólo bem distante das magras, há uma necessidade de “demarcar o terreno” de cada uma, como forma de diferenciação. Porém esta estratégia parece não ser muito eficiente. Como as adolescentes não possuem uma definição clara sobre os termos gorda e magra, elas ancoram esses conceitos em definições ou situações para elas já conhecidas. Por exemplo, de acordo com a fala de uma das participantes, “ser gorda é igual a não servir nas calças”.

(...) a número maior lá! Não entrou, não fechou. Eu fiquei tão chateada, tão chateada... Mas eu fiquei tão chateada gurias. E ainda assim, é meio humilhante(...) não sei como explicar o que eu senti. Eu já tava me sentindo mal, e ainda chegar e falar pra guria assim: “ah, não entrou” (...) eu vi (...) que eu tinha que mudar, assim sabe, os meus hábitos alimentares (participante 1- grupo 4).

Na lógica adolescente, “não servir nas calças” parece significar “sentir-se gorda”, sentir-se mal, sentir-se humilhada; sentimentos estes, antes definidos como característicos das pessoas “gordas”. No mundo simbólico dessas adolescentes, a magra “serve em todas as roupas da moda”. Existe um sério problema nestas associações, pois servir e não-servir, deveriam ser experiências comuns para uma mesma pessoa; ninguém pode servir sempre, assim como é comum não servirmos em algum momento da vida, em algumas situações. O que deveria ser flexibilizado, é percebido como fixo e estável por estas adolescentes.

As palavras servir e não-servir, que na fala das adolescentes estão deslocadas para a “calça”, são bastante significativas. Durante toda a construção simbólica do fenômeno da obesidade/magreza para as adolescentes, o tema girou em torno deste servir e não-servir: ser excluída, ou ser aceita; ser superior, ou ser inferior; ser capaz, ou ser incapaz; ser bonita, ou ser feia; ser magra ou ser gorda. A flexibilidade, ou o equilíbrio parece ser ignorado. Não existe “meio termo”, ou eu sirvo, ou eu não sirvo.

No momento em que são dadas estas definições estáticas e fixas para os termos gorda (“ninguém quer ser”) e magra (“todo mundo quer ser”), o meio termo, ou o normal, como elas chamam, parece ser ignorado e não

ganha sentido na fala das adolescentes. Uma fala de uma das participantes, ao definir o grupo do meio (as nem gordas e nem magras) refere: “os do meio não são nada”. Qual a adolescente que quer ser “nada”? Talvez não exista outro período da vida onde se dá tanta importância para a aceitação e valorização social. As adolescentes querem ganhar espaço no mundo social, querem servir, querem ser aceitas e valorizadas socialmente.

A literatura (WOLF, 1992; TOLMAN e DEBOLD, 1994; KILBOURNE, 1994; CHERNIN, 1988; ORBACH, 1978) aponta com frequência, que a mulher é percebida e valorizada pela aparência, pela forma do corpo; nada diferente do que vimos em nossa pesquisa. No encontro com estas adolescentes, vimos que, na visão das mesmas, a mulher é criada para corresponder às expectativas relacionadas à beleza do corpo e que sua valorização acontece pela via da estética.

(...) eu acho assim, por mais que a pessoa diga que não, ela assim, ela sente que as pessoas vão achar que ela é melhor quanto mais bonita e mais magra ela for, de vez em quando é assim (participante 1 – grupo 2).

Será que a obesidade não tem servido como justificativa e/ou como legitimação das relações de dominação estabelecidas entre os gêneros? Será que a obesidade não serve como forma de legitimar a exclusão da mulher em alguns terrenos em nossa sociedade?

Acreditamos que algumas coisas que comentamos até aqui, e outras que compõe o trabalho como um todo,⁵ dão luz até certo ponto a essas perguntas. Valores antigos são reproduzidos e/ou produzidos com uma outra “roupagem”. O corpo magro é uma dessas roupagens, que não é nada mais nada menos, que uma nova forma de manipulação e controle. A magreza é entendida como um veículo, um passaporte, uma garantia de ascensão social; garantia esta fantasiosa e falsa. As mulheres continuam a ser estimuladas a corresponderem à ditadura dos desejos de outrem e não aos delas próprias.

⁵ O trabalho na íntegra será publicado no final do ano pela EDIPUCRS. O título do livro é “Obesidade: o peso da exclusão”, em processo final de revisão na editora. A previsão de lançamento no mercado é março de 2002.

Sugerimos então, que é justamente este movimento que tem provocado tanta confusão no universo adolescente, no que se refere a este tema. Elas não sabem muito bem o que querem e o que fazem em relação ao corpo. Elas vêm e vão, como numa “gangorra”; e dependendo do pólo onde se encontram, sentir-se-ão de uma forma ou de outra:

Uma coisa que eu noto também, é como as pessoas da nossa idade oscilam no peso. Eu sou uma que engordo, emagreço, engordo, emagreço, toda hora. E, eu me sinto mal por isso, porque, tipo: tu engorda..., quando tu emagrece tudo fica ótimo, perfeito, (...) aí tu te sente feliz, aí tu pára de te cuidar e volta tudo; daí tu já te sente mal. E tá sempre naquela gangorra: engorda, emagrece, engorda, emagrece, engorda, emagrece... Isso faz as pessoas se sentirem mal, eu acho. Eu me sinto...
(participante 3 – grupo 4)

Referências bibliográficas

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. *Manual Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais DSMIV*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CHERNIN, K. *A obsessão: reflexões sobre a tirania da magreza*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

FISCHLER, C. Obeso benigno/obeso maligno. In: SANT’ANNA, D. B. (org). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

HERSCOVICI, C. R. *A escravidão das dietas: um guia para reconhecer e enfrentar os transtornos alimentares*. Trad. Francisco F. Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

JAGGAR, A. M. e BORDO, S. R. (Ed.). *Gênero, corpo, conhecimento*. Tradução de Britta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.

JODELET, D. *Les representations sociales*. Press Universitaires de France, 1989.

JOVCHELOVITCH, S. *Para uma tipologia dos saberes sociais: representações sociais, comunidade e cultura*. Curso de Extensão. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do RS, 2000.

KILBOURNE, J. Still killing us softly: advertising and the obsession with thinness. In: FALLON, P.; KATZMAN, M., A. e WOOLEY, S. C. *Feminist perspective on eating disorders*. New York: The Guilford Press, 1994.

MARCELLI, D. e BRACONNIER, A. *Psicopatologia do adolescente*. São Paulo: Masson, 1989.

MOSCOVICI, S. *La psychanalyse: son image et son public* (2ème edition). France: Presses Universitaires de France. (1 ed. original 1961), 1976.

MORGAN, D. L. *Focus group as qualitative research*. London: Sage Publications, 1988.

NASSER, M. *Culture and weight consciousness*. London and New York: Routledge, 1997.

ORBACH, S. *Fat is a feminist issue*. New York: Paddington Press, 1978.

SMOLAK, L.; LEVINE, M. P. e GRALEN, S. The impact of puberty and dating on eating problems among middle schools girls. *Journal of Youth Adolescence*, v.22, n. 4, p.355-368, 1993.

SPINK, M. J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho A., JOVCHELOVITCH, S. (orgs.). *Textos em representações sociais*. 2ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

STEARNS, P. N. *Fat history: bodies and beauty in the modern west*. New York and London: New York University Press, 1997.

TOLMAN, D. L. and DEBOLD, E. Conflicts of body and image: female adolescents, desire, ash the no-body body. In: FALLON, Patricia; KATZMAN, M., A. & WOOLEY, S. C. *Feminist perspective on eating disorders*. New York: The Guilford Press, 1994.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.* Petrópolis: Vozes, 1995.

WOLF, N. *O mito da beleza: como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres.* Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.